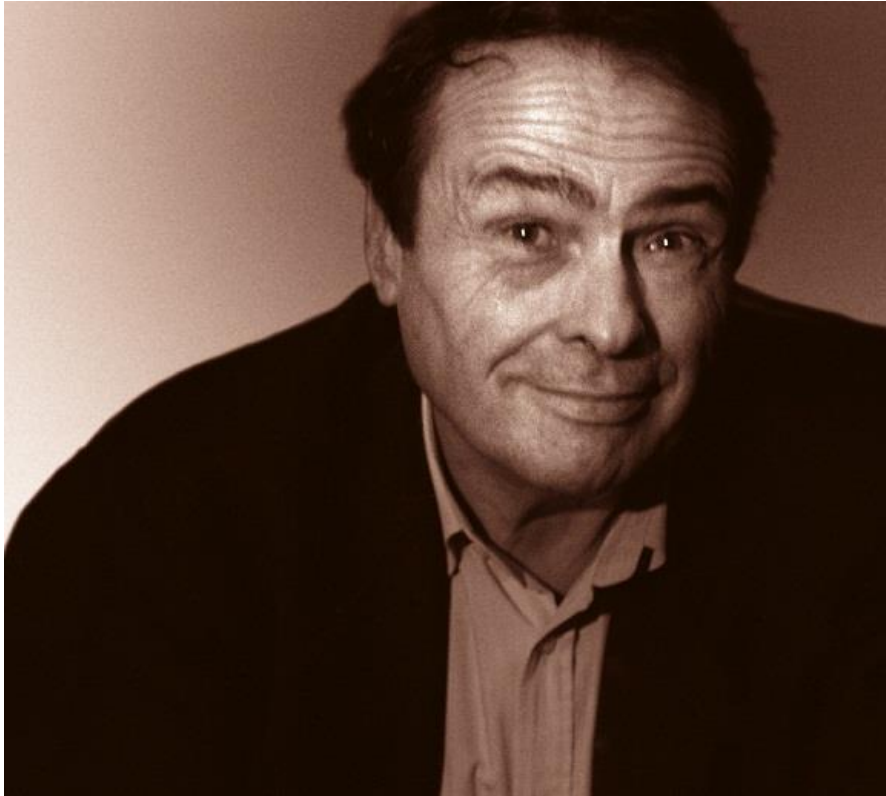


Bourdieu em pílulas (1): Teoria e Pesquisa na Sociologia



Por Gabriel Peters

Publicado no Blog "Que cazzo é esse?" em 11 de janeiro de 2016
(<https://quecazzo.blogspot.com/2016/01/bourdieu-em-pilulas-1-teoria-e-pesquisa.html>)

Introdução

A concepção de Bourdieu quanto à relação entre teoria e pesquisa empírica nas ciências sociais se resume em uma fórmula: “a teoria sem pesquisa empírica é vazia; a pesquisa empírica sem teoria é cega” (Bourdieu/Wacquant, 1992: 162). Ao longo de sua trajetória intelectual, Bourdieu não apenas defendeu como *ilustrou* essa tese epistemológica. Os conceitos centrais de sua teoria do mundo social foram formulados e refinados através de investigações sobre fenômenos que vão do direito à fotografia, da religião ao desemprego, da ciência ao mercado imobiliário, da formação do estado moderno à pintura impressionista. No mesmo passo em que produzia investigações sociológicas desses temas, ele tecia seu retrato teórico das estruturas e processos fundamentais do mundo social, capturados por noções como *habitus*, campo, capital e violência simbólica. A pesquisa empírica de fenômenos diversos

oferecia, a seu ver, uma base segura para suas generalizações teóricas, ao mostrar que esferas sociais distintas no conteúdo possuiriam semelhanças de estrutura e funcionamento – por exemplo, a despeito de suas diferenças, os campos da arte, da religião e da ciência são todos eles caracterizados por disputas em torno de prestígio e autoridade. Por outro lado, quanto mais o aparato conceitual de Bourdieu era alimentado por suas pesquisas anteriores, maior tornava-se sua confiança na sua aplicabilidade a novas temáticas de investigação. Foi por isso que ele definiu a sociologia como...

“...a arte de pensar coisas fenomenicamente diferentes como semelhantes em sua estrutura e funcionamento, e de transferir o que foi estabelecido a propósito de um objeto construído, por exemplo o campo religioso, a toda uma série de novos objetos, o campo artístico, o campo político, e assim em diante” (Bourdieu, 1988:44).

A teoria do invisível

Segundo Bourdieu, o uso de ferramentas teóricas na investigação de fenômenos sociais concretos é o que permite ir além da superfície mais visível – porém frequentemente enganosa - da vida societária. O sociólogo francês poderia tomar para si a tese de Gaston Bachelard segundo a qual “só existe ciência do que está oculto” ou, ainda, a frase de Karl Marx que afirma que “toda ciência seria supérflua se a aparência e a essência das coisas coincidissem”. Além de Bachelard, a principal inspiração epistemológica de Bourdieu é a análise da ciência moderna feita pelo filósofo alemão Ernst Cassirer (Vandenberghe, 2010: cap.1). Dito de modo simplificado, tanto Bachelard quanto Cassirer retrataram o avanço moderno das ciências naturais como um triunfo do pensamento *relacional*, isto é, da explicação de fenômenos visíveis (por exemplo, a queda de um objeto) em termos de relações invisíveis (por exemplo, um campo gravitacional). Um gene, um átomo, uma partícula subatômica – nenhum desses fenômenos pode ser diretamente observado, mas todos foram postulados em teorias científicas para explicar fatos em si observáveis, como as características fenotípicas de uma planta/animal ou a explosão de uma bomba atômica. Tais objetos são intelectualmente “construídos” pelas teorias científicas como dotados de certos poderes causais. Esses poderes, se não podem ser diretamente registrados, são, ainda assim, empiricamente verificáveis através de seus *efeitos* – por exemplo, hipóteses sobre átomos e partículas subatômicas geram previsões que podem ser confirmadas ou refutadas nos experimentos em um acelerador de partículas.

Embora ciente dos riscos de analogias grosseiras entre os mundos natural e social, Bourdieu considerava o modo de conhecimento relacional descrito acima como particularmente fecundo na sociologia, sobretudo no que toca à relação entre os chamados níveis *micro* e *macro* da vida societária. Como poderíamos explicar, por exemplo, a interação entre uma patroa e uma empregada doméstica no espaço microscópico (em termos sociológicos) de um apartamento sem alguma referência à estrutura de classes da sociedade brasileira? Essa estrutura de classes não constitui, como tal, uma realidade visível, mas sua existência se mostra nos efeitos palpáveis que ela produz sobre situações experimentadas por indivíduos de carne e osso; situações que vão do trocado que o advogado engravatado dá ao flanelinha no estacionamento até a criança que morre de subnutrição. A busca dessas estruturas sociais que, embora invisíveis, influenciam causalmente a vida de milhões de indivíduos é, para Bourdieu, a principal diferença entre a sociologia e o pensamento de senso comum. Em contraste com a orientação relacional da sociologia, o senso comum está espontaneamente inclinado ao *substancialismo*, isto é, a considerar reais apenas os fenômenos sociais que podem ser observados diretamente, como indivíduos biológicos, interações face a face ou a faceta visível de entidades coletivas (p.ex., um prédio ministerial).

No “manual” de epistemologia das ciências sociais que ele publicou com Chamboredon e Passeron (2004), Bourdieu buscou trazer para a sociologia a tríade de “atos epistemológicos” que Bachelard havia identificado em qualquer ciência: 1) a “ruptura” com o senso comum; 2) a “construção” do objeto; 3) a “constatação” ou “verificação” empírica das hipóteses construídas. Tanto a ruptura com o saber ordinário quanto a construção do objeto sociológico se inscrevem na proposta do pensamento relacional, isto é, na ideia de que devemos explicar os eventos visíveis em termos de seus *princípios causais invisíveis*. Veja-se o exemplo da teoria dos campos.

Tal como a existência de um campo de forças gravitacionais é asseverada pelos movimentos dos corpos influenciados por ele, a realidade do que Bourdieu chama de “campo” social é afirmada com base no registro dos efeitos que ele exerce sobre as práticas dos agentes expostos à sua “gravidade”. A conduta de uma bióloga que faz observações em um laboratório, por exemplo, só adquire sentido quando compreendida à luz de suas relações com agentes e instituições de seu campo (ou

subcampo) científico. Estes incluem desde os autores estrangeiros de um artigo com base no qual a bióloga orienta suas observações laboratoriais até os órgãos governamentais ou fundações privadas que financiam sua pesquisa. A despeito de não estarem fisicamente presentes no laboratório, mas espalhados pelo país ou pelo mundo afora, tais agentes e instituições condicionam cada passo da pesquisadora. *Mutatis mutandis*, o mesmo vale para a socióloga que escreve um livro em seu escritório tarde da noite. Embora ela esteja sozinha no seu cenário físico, o texto que ela produz não pode ser explicado senão em termos de relações sociais com as instituições e agentes de seu campo (ou subcampo) intelectual. Seus colegas de profissão em outros estados (ou países) são mais relevantes para a compreensão da sua escrita do que seus vizinhos geográficos imediatos. Do ponto de vista histórico, seu raciocínio deve menos à maior parte de seus contemporâneos vivos do que a indivíduos que já morreram há muito tempo, como as figuras centrais da tradição sociológica: Durkheim, Marx, Weber etc. E, diga-se de passagem, a influência destes autores não se exerce apenas pelas referências explícitas da socióloga a eles (“como disse Durkheim em...”), mas no nível mental mais profundo de modos de pensar que nela se tornaram *espontâneos* e *inconscientes* ao longo de sua formação acadêmica, isto é, de sua aquisição de um *habitus* de socióloga.

Portanto, as necessidades de ruptura com o senso comum e de construção do objeto sociológico justificam, segundo Bourdieu, o recurso à *teorização* em sociologia. A captura dos fatores causais mais profundos da conduta social seria possível apenas com base em repertório especializado de conceitos teóricos (por exemplo, *habitus*, campo, capital, *illusio*), construídos para ir além (ou abaixo) da superfície mais visível da vida societária. Ao defender o recurso à imaginação teórica no acesso ao mundo social, Bourdieu se põe contra certas abordagens empiricistas que confundem o que é real com o que é diretamente observável. Com base nessa falsa identificação, tais abordagens ignorariam que fenômenos observáveis, como condutas individuais ou interações face a face, são poderosamente condicionados por relações objetivas invisíveis, porém reais e causalmente influentes:

“...se um francês conversa com um argelino, ou um americano negro conversa com um protestante branco, não são duas pessoas que conversam, mas a história colonial em sua inteireza, ou toda a história da subjugação econômica, política e cultural de negros (ou mulheres, trabalhadores, minorias etc.) nos Estados Unidos” (BOURDIEU; WACQUANT, 1992, p. 144).

No que toca à metodologia das ciências sociais, a defesa bourdieusiana da reflexão teórica desemboca em uma crítica ao “rigor sem imaginação” das abordagens empiricistas, ou seja, das abordagens que julgam que a “teoria” em sociologia tem de resultar de uma vasta coleção de observações “puras” desse ou daquele fenômeno social (violência, religião, pobreza e assim por diante). Tais perspectivas seriam frequentemente levadas a ignorar os próprios fatores causais que determinam os fenômenos que elas observam tão cuidadosamente: por exemplo, a socialização em uma estrutura de classes que está por trás do modo de falar de um indivíduo ou a história coletiva de opressão das mulheres por trás da timidez de uma dona de casa diante de seu marido.

A teoria feita corpo

Se Bourdieu critica o “rigor sem imaginação” de empiricistas, ele também reserva palavras virulentas, no entanto, à “imaginação sem rigor” dos teóricos, isto é, daqueles que teorizam sobre a vida social sem submeter suas teorias à prova contínua da pesquisa empírica. Segundo Bourdieu, a dependência entre empiria e teoria não é unilateral, mas mútua. O estudo de fenômenos sociais concretos é informado por teorias desde o início, mas essas teorias são *colocadas em risco, corrigidas* e finalmente *refinadas* pelo confronto com o mundo real. Um exemplo simplificado dessa dinâmica intelectual é oferecido pelo diálogo que Bourdieu estabelece com o estruturalismo de Lévi-Strauss ao longo de sua etnografia da sociedade Cabila, uma comunidade camponesa na Argélia. Bourdieu reconhece, por um lado, que a teoria lévi-straussiana foi decisiva na orientação do seu olhar empírico – ao sugerir, por exemplo, que as relações sociais ali observadas (entre homens e mulheres, jovens e anciãos etc.) só faziam sentido à luz de estruturas simbólicas partilhadas pelas quais os Cabila conferiam significado ao seu ambiente social e físico. Por outro lado, se sua pesquisa intensa da vida social Cabila foi inicialmente conduzida com base nas ferramentas teóricas do estruturalismo, ela própria terminou por revelar lacunas e deficiências nessa abordagem. Para ficar apenas em uma ilustração, ao perceber que a noção de *regras* era insuficiente para explicar as práticas sociais que ele discernia, Bourdieu foi instado a elaborar uma teoria dos *interesses estratégicos* e das *competências práticas* que permitiam aos agentes jogar criativamente com as regras da sua coletividade. Se as regras eram insuficientes para explicar o comportamento social, também o eram, aliás, as maneiras pelas quais sua influência sobre esse comportamento havia sido tradicionalmente

concebida: a obediência consciente (“finalismo”) e a determinação mecânica inconsciente (“mecanicismo”). Ao rechaçar ambas as alternativas, o sociólogo francês foi forçado a desenvolver uma teoria desse domínio subjetivo intermediário de intenções e saberes não reflexivos a que chamou de *habitus* ou “senso prático” (2009).

O exemplo é simplificado, já que o referencial teórico que Bourdieu mobilizou na sua pesquisa na Cabília não se reduzia ao estruturalismo de Lévi-Strauss, mas incluía diversos outros autores: Marx, Durkheim, Weber, Husserl, Merleau-Ponty, Mauss, Saussure etc. Seja como for, espero que a ilustração deixe claro o tipo de intercâmbio intelectual entre teoria e pesquisa advogado por Bourdieu. A teoria guia inicialmente a pesquisa, mas a pesquisa leva a correções e refinamentos na teoria. Já alterado por tais correções e refinamentos, o quadro teórico pode, então, ser mobilizado em novas investigações empíricas...que acarretarão outras modificações no aparato teórico...que será empregado em outras pesquisas e assim por diante, em um círculo infindo de fertilização recíproca. Longe de se encerrar na descrição abstrata da vida social, a teoria bourdieusiana da prática encontra sua justificação última, portanto, na sua utilidade como instrumento de investigação de fenômenos sociais empíricos. Nesse sentido, noções como “habitus” e “campo” não são apenas produtos teóricos de pesquisas anteriores, mas lentes intelectuais pelas quais novos objetos e dimensões do social podem ser pesquisados. Em outras palavras, os conceitos e teses da teoria da prática de Bourdieu indicam como se aproximar de um contexto social empírico, para onde voltar o olhar nesse cenário e que perguntas dirigir a essa realidade – ficando em apenas um exemplo, a teoria dos campos convida à questão: quais são os bens e os recursos que os agentes desse contexto tomam por valiosos e dignos de disputa? A teoria sociológica de Bourdieu é a versão explícita e formalizada dessas propensões intelectuais e práticas a conduzir a pesquisa do mundo social segundo tais ou quais caminhos (pensamento relacional, ruptura com noções ordinárias etc.). O propósito último da reflexão teórica é converter-se, assim, em um conjunto de disposições práticas de pesquisa, ou seja, em um *habitus* sociológico.

Não apenas converter a teoria em ato, mas convertê-la, por assim dizer, em corpo. A proposta é fascinante, mas não está isenta de problemas. O assunto terá, no entanto, de ficar para outro post.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. *Lições da aula*. São Paulo, Ática, 1988.
- _____. *O senso prático*. Petrópolis, Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loic. *An invitation to reflexive sociology*. Chicago, University of Chicago Press, 1992.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude ; PASSERON, Jean-Claude. *O ofício de sociólogo*. Petrópolis, Vozes, 2004.
- VANDENBERGHE, Frédéric. “O real é relacional: uma análise epistemológica do estruturalismo gerativo de Pierre Bourdieu” In: *Teoria social realista: um diálogo franco-britânico*. Belo Horizonte, UFMG, 2010.